

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**RODRIGUES, José Honório** (Rio de Janeiro, 1913 - 1987)

José Honório Rodrigues nasceu em 20 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro, e faleceu em 06 de abril de 1987. Realizou seus primeiros estudos superiores entre 1933 e 1937 no curso de Ciências Jurídicas da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, logo incorporada à Universidade do Brasil. Já no ano de sua formatura obteve uma primeira distinção: o 1º. Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, por um texto em co-autoria com Joaquim Ribeiro intitulado “Introdução ao estudo do período holandês de Maurício de Nassau (e que se tornaria seu primeiro livro, também em co-autoria, *Civilização holandesa no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940). Anunciava-se a conversão definitiva do potencial jurista em historiador. Em 1938, tornou-se ajudante técnico do Instituto Nacional do Livro (função que exerceria até 1944), sob a direção de Sérgio Buarque de Holanda, e em substituição a José Antônio Gonsalves de Mello. Entre 1943 e 1944, com uma bolsa da Fundação Rockefeller, viajou aos Estados Unidos onde realizou estudos na Universidade de Columbia, sob orientação de Frank Tannembaum. Em 1945, tornou-se bibliotecário do Instituto do Açúcar e do Alcool, ingressando, no mesmo ano, à Comissão de Estudos dos Textos de História do Brasil do Ministério das Relações Exteriores e lá permanecendo até 1968. Ainda na esfera deste Ministério, em 1946 passaria a desempenhar (até 1956) atividades de professor de História e pesquisador do Instituto Rio Branco. Foi diretor da Divisão de Obras Raras e Publicações da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, de 1946 a 1958. Membro do Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (desde 1948); do Conselho Diretor de *Revista de História da América*, do Instituto Panamericano de Geografia e História (entre 1952 e 1965); *Associate-Editor* da *The Hispanic American Historical Review* (entre 1956 e 1961); membro correspondente da Academia Portuguesa de História (desde 1957), da *Royal Historical Society*, de Londres (desde 1966), e da *The Hispanic Society of America* (desde 1970); membro do Conselho Consultivo de *Historical Abstracts* (de 1961 a 1969); e membro da Academia Brasileira de Letras desde 1969. Foi professor da Rede Municipal do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro) em 1953 e 1956; professor da Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Guanabara (1961); e professor visitante da Universidad de Chile (1960), da University of Texas (1963/64 e 1966/67), da Columbia University (1970), da Universidade de Brasília (1975) e da Universidade Federal Fluminense (1975). Foi ainda Diretor do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (de 1958 a 1964), conferencista da Escola Superior de Guerra (de 1957 a 1964), e secretário executivo do Instituto Brasileiro de Relações



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Internacionais (entre 1964 e 1968, quando dirigiu também a *Revista Brasileira de Estudos Internacionais*). Entre as décadas de 1930 e 1960, escreveu uma grande quantidade de artigos publicados em jornais e revistas como *Jornal do Brasil*, *Época*, *Idéia*, *Revista do Brasil*, *O Jornal*, *Nova Atlântida*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa* (todos do Rio de Janeiro), *Diário de São Paulo*, *Estado de Minas*, *Diário do Paraná*, *Diário de Pernambuco* e *Tribuna de Petrópolis*.

A primeira publicação de José Honório Rodrigues - o artigo "A civilização holandesa no Brasil", no *Jornal do Brasil* de 19 de junho de 1936 - esboçava, de modo contundente, uma de suas marcas como historiador: um olhar sobre o Brasil para além do Brasil, aqui voltado igualmente para a história dos Países Baixos do século XVII. Tal publicação preparava o terreno para o trabalho premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1937, e seu primeiro livro três anos depois. Nele, embora o autor mencionasse a ausência de qualquer "sentido de uma verdadeira criação colonial" da parte dos holandeses, que no Brasil só se interessariam pelo "saque" e pela "pilhagem" (*Civilização holandesa no Brasil*, p.318), o que se vê logo em seguida é a clássica apologia do empreendimento colonial holandês, visto como mais positivo, civilizado, urbano e fino do que o português, rural, atrasado e grosseiro. Uma segunda marca da produção de Rodrigues se mostrava aqui: uma concepção evolucionista de história, a ensejar, com frequência, avaliações de fenômenos segundo uma escala de positividade estabelecida de antemão. Uma terceira marca doravante constante de sua produção seria a preocupação com as fontes e as condições de pesquisa em história do Brasil, resultante nos índices anotados da *Revista do Instituto do Ceará* (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1961) e da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco* (Recife, 1961), em muitas edições de documentos históricos e de catálogos, em *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil* (1949) e, finalmente, naquela que seria possivelmente sua obra mais importante: *Teoria da história do Brasil* (1949). No ano seguinte, tal linha de trabalho prosseguiria com a publicação das *Fontes da história do Brasil na Europa* (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1950) e de outro livro que se mostraria bastante influente: *A pesquisa histórica no Brasil: sua evolução e problemas atuais* (1952). Dois anos depois, organizaria e prefaciaria a publicação da correspondência de Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1954) e assinaria uma obra de história regional, *O continente do Rio Grande* (Rio de Janeiro, Edições São José, 1954). Ao tempo em que suas obras circulavam cada vez mais no Brasil, Rodrigues teria partes dela editadas no México em dois volumes traduzidos ao espanhol, ambos pelo Instituto Panamericano de Geografia e História: *Historiografia del Brasil. Siglo XVI* (1957), e *Historiografia del Brasil. Siglo XVII* (1963).

A década de 1960 assinalou uma nova ênfase na produção intelectual de José Honório Rodrigues, esboçada anteriormente em pequenos artigos, e doravante voltada também à interpretação de aspectos amplos e duradouros da trajetória histórica do Brasil no passado e no presente. Dela resultariam duas obras de caráter ensaístico e de grande tiragem e sucessivamente reeditadas: *Brasil e África* (1961), com 10 mil exemplares; e *Aspirações nacionais* (1963), com 20 mil exemplares, ambas traduzidas para o inglês (*Brazil and Africa*, Berkeley/Los Angeles, University of California Press, 1965; e *The Brazilians – their*



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

*character and aspirations*. Austin, University of Texas Press, 1967). Mas é certamente com *Conciliação e reforma no Brasil*, de 1965, que tal ênfase se consolida, embora sem implicar o abandono de suas preocupações com a história da historiografia, como atesta a publicação, ainda em 1965, de *História e historiadores do Brasil* (São Paulo, Fulgor, 1965). Uma terceira vertente se somaria a estas duas a partir de seus estudos acerca das relações internacionais do Brasil, permeados por propostas de intervenção política, como as encontradas em *Interesse nacional e política externa* e em *Vida e história*, ambos de 1966, aos quais se seguiria, quatro anos depois, novo livro sobre a escrita da História: *História e historiografia* (Petrópolis, Vozes, 1970). A nova década encontraria agora um historiador disposto a centrar parte significativa de suas atenções também à história da Independência e do Império do Brasil, com a publicação de três obras a respeito: *A assembleia constituinte de 1823* (Petrópolis, Vozes, 1974), *Independência: revolução e contra-revolução*, em 5 volumes (1975-76), e *Conselho de Estado: o Quinto Poder?* (Brasília, Senado Federal, 1978). Em 1979, *História da História do Brasil. 1ª Parte: A historiografia colonial* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979) consistiria em uma sistematização de várias de suas preocupações anteriores de pesquisa que remontam aos anos de 1940. Antes de seu falecimento, em 1987 (e de seu impedimento profissional por conta de um derrame cerebral, meses antes), Rodrigues ainda daria à luz a quatro livros, que incluíam artigos e ensaios em sua maior parte publicados anteriormente: *História, corpo do tempo* (São Paulo, Perspectiva, 1976), *História combatente* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982), *Filosofia e História* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982), e *História viva* (São Paulo, Global, 1985). José Honório Rodrigues teria livros editados mesmo após 1987, a começar por *História da história do Brasil. A metafísica do latifúndio: o ultra-reacionário Oliveira Viana* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1988), continuação da obra de 1979, e prosseguindo por textos organizados e editados por Lêda Boechat Rodrigues, com quem esteve casado por 46 anos: *Ensaios livres* (São Paulo, Imaginário, 1991); e, em co-autoria com Ricardo Seitenfus, *Uma história diplomática do Brasil, 1531-1945* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995).

Historiador de grande fôlego, extremamente produtivo, embora por vezes também bastante repetitivo, José Honório Rodrigues escrevia muitos pequenos artigos e conferências com as quais ia dando forma a ideias e material empírico que, finalmente, se convertia em livros. Reescrevia seus textos à medida em que iam sendo reeditados, de modo que neles se observam muitas modificações em cada nova edição, mas sem alterações significativas em suas teses centrais, às quais se articulavam suas próprias ideias acerca da política, da história, do Brasil e do Mundo em geral. Preliminarmente, pode-se caracterizá-lo como um intelectual engajado, combatente contra aquilo que considerava uma “tradição conservadora” do pensamento brasileiro, inclusive do pensamento histórico. Em seus primeiros anos de historiador, – e a exemplo de muitos intelectuais e escritores da época – foi um opositor ao Estado Novo (1937-1945), regime instituído no Brasil por um golpe liderado por Getúlio Vargas e fortemente restritivo de liberdades individuais. Posteriormente, converter-se-ia em uma espécie de nacionalista liberal, a defender o que considerava interesses nacionais e estratégicos da sociedade brasileira, em sintonia com as políticas



públicas praticadas pelo governo presidencial brasileiro de Juscelino Kubitschek (1956-1961). A partir do golpe que instituiu uma ditadura em 1964, Rodrigues se tornaria um crítico ao regime, por ele visto como uma modalidade de “generalismo presidencial”. No entanto, e a despeito de muitas críticas dirigidas aos governos militares brasileiros (como sua submissão passiva e extrema aos Estados Unidos em questões de política externa, e à qual contrapunha uma proposta de priorização de relações com os países africanos e com a China comunista), Rodrigues insistiria em ver nas Forças Armadas brasileiras uma instituição patriótica e historicamente garantidora de interesses nacionais legítimos (aliás, até 1969 receberia convites para exercer atividades na Escola Superior de Guerra).

De modo mais preciso, sua proposta analítica de história da historiografia no Brasil foi construída com base em diagnósticos acerca dos arquivos estrangeiros depositários de fontes para a história do Brasil, bem como de bibliotecas e centros de pesquisa realizados em suas viagens internacionais na década de 1940. Rodrigues via um “atraso” do Brasil em relação a países onde o pensamento histórico e suas correspondentes pesquisas empíricas estariam “mais adiantados”; esta seria, talvez, a primeira das dicotomias a, doravante, estruturarem seu pensamento: falava em “verdadeira” e “falsa historiografia”, supostamente classificáveis por critérios “técnicos” e “epistemológicos”, e em “historiadores progressistas” (dentre os quais seus preferidos seriam Capistrano de Abreu e Gilberto Freyre) contrapostos a “historiadores reacionários”. No tocante mais especificamente a sua teoria de uma História do Brasil (formulada no livro de 1949), Rodrigues seria influenciado por autores de começos do século XX (principalmente norte-americanos e alemães) como Eduard Meyer, Wilhelm Bauer, Langlois & Seignobos, Zacarias García Villada, Horner Hockett e Frederick Fling. Mas seria com base na obra de Ernst Bernheim que Rodrigues conceberia quatro fases “científicas” de evolução do conhecimento histórico, agora aplicadas ao Brasil: 1) uma *História narrativa*, típica de simples crônicas; 2) uma *História pragmática*, ou seja, aquela tida como subsídio de uma concepção de “mestra da vida”; 3) uma *História genética*, cientificista e pretensamente objetiva; e 4) uma *História reflexiva*, ideal, e que apenas se esboçaria no Brasil. Rodrigues chegaria inclusive a propor a criação de um Instituto de Pesquisa Histórica no Brasil, destinado a formar historiadores profissionais e, com isso, a diminuir o “atraso” no pensamento histórico brasileiro que tanto o incomodava (nota-se, aqui, um indício do caráter fortemente auto-referente de sua obra: pois não apenas dito Instituto, se fosse criado, deveria ser por ele dirigido, como também nas sucessivas edições da obra na qual elaborou a proposta de sua criação – *A pesquisa histórica no Brasil*, de 1952 – dedicou algumas linhas a si mesmo, destacando sua atuação como historiador).

Desse esquema evolutivo e teleológico de um suposto “desenvolvimento” da pesquisa e do saber histórico no Brasil sobressai uma dicotomia mais ampla, entre “o velho” e “o novo”, e que teria implicações importantes em suas obras mais ensaísticas e interpretativas da realidade brasileira a partir da década de 1950, como *Aspirações nacionais* e *Conciliação e reforma no Brasil*. De acordo com José Honório Rodrigues, desde os tempos coloniais haveria no Brasil uma tradição à “conciliação”, um *modus operandi* das elites brasileiras para se evitar choques de interesses e conflitos violentos e abertos com “o povo” (tal



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

tradição teria sido inaugurada por Diogo Álvares em seus contatos com as populações indígenas na região da Bahia no início do século XVI). O resultado dessa longa trajetória de “conciliação” seria o tendencial e preponderante impedimento do “povo” como protagonista da história brasileira. No entanto, a despeito de uma persistente visão dessa história como pacífica – criticada por Rodrigues –, nela se observariam períodos nos quais os conflitos de interesse não seriam devidamente arranjados pela “conciliação”, e nos quais as reivindicações do “povo” por maior participação política teriam extrapolado a capacidade conciliatória das elites, resultando em episódios significativos de uma história cruenta. Mesmo assim, segundo Rodrigues, nunca teria havido uma revolução vitoriosa na história do Brasil. Sua visão da Independência ilustraria bem essa tese. Em seus cinco volumes dedicados ao tema (divididos em: 1 - A evolução política; 2 - Economia e sociedade; 3 - As forças armadas; 4 - A liderança nacional; e 5 - A política internacional), constrói uma interpretação supostamente “progressista” da história, enxergando um movimento de início popular, jacobino e nacionalista, embasado em sentimentos nacionais brasileiros pré-existentes, contrário a Portugal e sustentado pelas forças armadas, mas logo sufocado por uma contra-revolução elitista que, uma vez vitoriosa, implicaria no triunfo da conservação. De todo modo, e em direção a um outro extremo interpretativo, a Independência não teria nada de um desquite amigável, como ainda se sustentava (e se sustenta muitas vezes) na historiografia.

Portugal e sua história sempre estiveram no horizonte de preocupações de José Honório Rodrigues, embora suas posições políticas nacionalistas projetadas para sua prática historiográfica o levassem, invariavelmente, a priorizar o Brasil como foco de preocupações. Assim, não só pode-se destacar sua vasta obra sobre o que chamou de “historiografia colonial” (formada por autores portugueses que Rodrigues tenta julgar de acordo com graus maiores ou menores de adesão a sentimentos nacionais brasileiros que, à época, evidentemente não existiam), ou seus escritos sobre o processo de Independência que, evidentemente, deve ser sempre considerado como parte da história de Portugal. Igualmente, vários escritos menores nos quais se volta para temas como a expansão ultramarina portuguesa, a formação do império, historiadores portugueses e temas portugueses contemporâneos. Exemplos disso são: “Antônio Vieira, doutrinador do imperialismo português”, publicado na revista *Verbum* (Rio de Janeiro, 1958); “D. Henrique e a abertura da fronteira mundial”, na *Revista Portuguesa de História* n.9 (Coimbra, 1961); as resenhas de duas obras de Frédéric Mauro (*Revista Brasileira de Estudos Políticos* n.34, Belo Horizonte, julho de 1972), de duas de J. S. da Silva Dias (*Revista de História* 47/96, 1973), e de uma de Luís Reis Torgal (*Revista de História* 51/101, 1975); um necrológico da historiadora portuguesa Virgínia Rau (*Revista de História* 47/97, 1974); “A vitória da língua portuguesa no Brasil colonial” (*História viva*, 1985); e de um artigo publicado em revista brasileira não-acadêmica de grande circulação: “Holanda e Portugal. Um paralelo entre dois mundos” (*Manchete*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1970). Além disso, dentre os muitos encontros acadêmicos em que tomou parte, podem-se mencionar cinco edições do Colloquim Internacional de Estudos Luso-Brasileiro, realizadas em Washington (1950), São Paulo (1954), Lisboa (1957), Salvador (1959), e Cambridge & Nova York (1966).





# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Não deixa de haver um paradoxo no fato de que, como historiador do Brasil, José Honório Rodrigues sempre tenha estado, e desde o início de sua obra, atento a realidades históricas para além do Brasil, bem como que sua atuação profissional tenha se dado de modo tão intensamente internacionalizado. Pois sua tenaz e engajada aplicação, na história e na historiografia, de concepções nacionalistas acerca da realidade brasileira, em articulação com concepções evolucionistas, progressistas e teleológicas da prática e do saber histórico em geral, legou à posteridade uma obra carregada de anacronismos e outras distorções interpretativas, reiteradas e muitas vezes até acentuadas ao longo de mais de quarenta anos de intensa atuação intelectual. Exemplo disso é a virulenta crítica dirigida à *História da América portuguesa*, de 1730, cujo autor, Sebastião da Rocha Pita é condenado por Rodrigues como “antiíndio, antinegro, pró-escravidão, antijudeu, antipaulista, antiBrasil, pró-Portugal. É um colonialista empedernido de tal forma que, no Brasil, só alguns baianos, maranhenses e paraenses conseguiram ser, despojando-se da essência do caráter nacional”; prossegue escandalizado com o fato de que, para Pita, “os ataques holandeses não são contra os brasileiros, mas contra os portugueses, tal como sua América é portuguesa e não brasileira” (*História da história do Brasil*, p.498).

Não obstante, e a despeito desse paradoxo, na obra de José Honório Rodrigues revela-se um grande pioneirismo em várias frentes, em especial na história da historiografia no Brasil. Igualmente, testemunha capítulos importantes e vivos de uma historiografia e de uma tradição intelectual brasileira que jamais se limitou ao Brasil, como atesta o fato de sua produção vir merecendo estudos acadêmicos de grande interesse.

**Bibliografia activa:** RODRIGUES, José Honório, *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde/Instituto Nacional do Livro, 1949; *Teoria da história do Brasil*, São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949; *A pesquisa histórica no Brasil: sua evolução e problemas atuais*, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1952; *Brasil e África: outros horizontes (relações e política brasileiro-africana)*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961; *Aspirações nacionais: interpretação histórico-política*, São Paulo, Fulgor, 1963; *Conciliação e reforma no Brasil: um desafio histórico-cultural*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965; *Interesse nacional e política externa*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966; *Vida e história*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966; *Independência: revolução e contra-revolução*, São Paulo, Francisco Alves/EDUSP, 1975-1976, 5 volumes; *História da História do Brasil. 1ª Parte: A historiografia colonial*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1979.

**Bibliografia passiva:** ALVES JR., Paulo, *Um intelectual na trincheira: José Honório Rodrigues, intérprete do Brasil*, Araraquara, FCL-UNESP, 2010 (tese de doutoramento); BASTOS, Ana Luiza Marques, *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico--metodológica a serviço da história do Brasil*, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2000 (dissertação de mestrado); FREIXO, André de Lemos, “Ousadia e redenção: o



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Instituto de Pesquisa Histórica de José Honório Rodrigues”, *História da historiografia*, 11, 2013, p. 140-161; Id., “Um ‘arquiteto’ da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues”, *Revista Brasileira de História*, v.31, n. 62, 2011, p. 143-172; GLEZER, Raquel, *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. São Paulo, FFLCH-USP, 1976, 2 volumes (tese de doutoramento); GONTIJO, Rebeca, “José Honório Rodrigues e a invenção de uma moderna tradição”. NEVES, Lucia [et al.]. *Estudos de historiografia brasileira*, Rio de Janeiro: FGV, 2011, p.277-290; IGLÉSIAS, Francisco. “José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira”, *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, 1988, p. 55-78; RODRIGUES, Lêda Boechat & MELLO, José Octávio de Arruda, *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984; STEIN, Stanley J. “José Honório Rodrigues (1913-1987)”, *The Hispanic American Historical Review*, 68/3, 1988, p.573-576.

João Paulo Pimenta



APOIOS:

